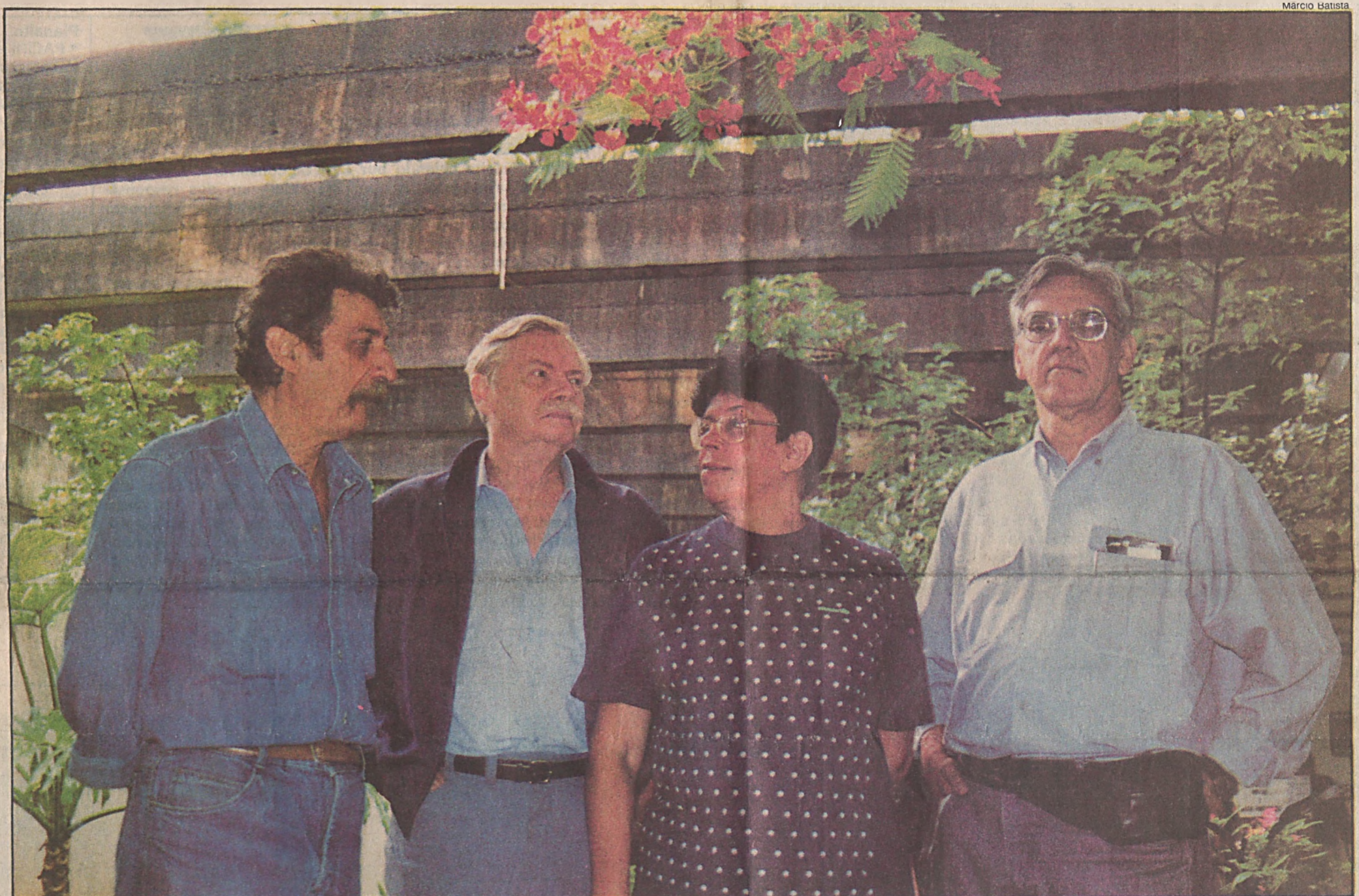


O sonho apenas começou

A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA FAZ 30 ANOS DE CONVIVÊNCIA COM A UTOPIA E A RESISTÊNCIA QUE CONTINUA APESAR DA CRISE



Blanchetti, Elvin Mackay, Marília Rodrigues e Luís Humberto, alguns dos fundadores da UnB hoje reintegrados pelo sonho

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Um 15 de novembro, há exatos 30 anos, o presidente João Goulart e seus auxiliares Tancredo Neves, Walter Moreira Salles e Antônio de Oliveira Britto assinavam a Lei de N.º 3.998, que instituiu a Fundação Universidade de Brasília, organismo responsável pela criação e manutenção da UnB, "instituição de ensino superior de pesquisa e estudo em todos os ramos do saber e da divulgação científica, técnica e cultural".

A nova universidade — previa a Lei — deveria ser implantada num amplo terreno na Asa Norte, doado pela Novacap, e não em Vargem Bonita, como queria um dos construtores da cidade, o engenheiro Israel Pinheiro. Aliás, vale lembrar que muitos políticos se bateram contra a criação da UnB. Eles entendiam que Brasília deveria ser uma "cidade administrativa, sem estudantes e operários", setores sempre prontos a provocar convulsões sociais. Em vão! A UnB foi criada, para alegria de Darcy Ribeiro, seu maior defensor.

A Lei 3998 previa no Artigo 4 que o patrimônio da Universidade seria constituído — entre outros itens — "pelos edifícios necessários à instalação e funcionamento da Administração, da Biblioteca Central, da Estação Radiodifusora e do Departamento Editorial do Centro Recreativo e Cultural a serem construídos pela Novacap". E mais: "Metade dos lucros anuais da Rádio Nacional seria aplicada na instalação e manutenção da Rádio Universidade de Brasília".

Ao longo de seus 30 anos de história, a UnB construiu uma bela sede para a Reitoria, magnífica Biblioteca Central (uma das maiores da América Latina), importante editora (a EdUnB), mas não conseguiu a concessão de emissora de rádio, por mais tentativas que tenha feito.

Institutos — O artigo 9º da Lei anunciava que a Universidade seria

"uma unidade orgânica integrada por Institutos Centrais de Ensino e Pesquisa e por Faculdades destinadas à formação profissional, cabendo aos ICs ministrarem cursos básicos de Ciências, Letras e Artes". Já as Faculdades deveriam "ministrar cursos de graduação para formação profissional e técnica, ministrarem cursos de especialização e pós-graduação e realizar pesquisas e estudos nos respectivos campos de aplicação científica, tecnológica e cultural".

Dois institutos fizeram a fama da UnB, nos "tempos do sonho" (61/65): o ICC e o ICA. O ICC — Instituto Central de Ciências — existe ainda, ao menos fisicamente. Ele compõe a espinha dorsal do conjunto de prédios da instituição, através de projeto de Niemeyer esculpido em concreto armado e hoje chamado, carinhosamente, de *Minhocão*.

Já o ICA (Instituto Central de Artes) não existe mais. Seu prédio — um dos primeiros da UnB — se mostra pequeno para abrigar os estudantes de Artes Plásticas e Artes Cênicas. A nova direção do agora chamado Instituto de Artes (que se compõe também com o Departamento de Música) espera dias melhores, quando se construirá nova e ampla sede.

Ploneiros — Para lembrar os dias de glória do ICA-FAU e avaliar a UnB, já balzaquiana, o *Caderno 2* reuniu o artista plástico gaúcho Glênio Blanchetti, 63 anos; o arquiteto carioca Elvin Mackay Dubugras, 62; o fotógrafo, também carioca, Luís Humberto Martins Pereira, 57; e a gravadora mineira Marília Rodrigues, 54. Os quatro ajudaram a fundar a Universidade, nos "anos de muitos sonhos e poeira". Os quatro a deixaram em outubro de 1965, quando "o sonho acabou". Solidários com 15 professores demitidos, eles se demitiram em massa. Eram 200.

Regressaram à UnB em 1988, anistiados e convidados pelo então reitor Cristóvam Buarque. Glênio, hoje, está aposentado. Em sua casa-vila no Lago Norte (mora cercado de ca-

pas de filhos e netos) prepara grande exposição (40 quadros bem dimensionados — 2m60 por 2m40) — que será mostrada, primeiro, em Porto Alegre e Brasília, depois, País e mundo afora.

Elvin Mackay Dubugras, com sua pele e olhos ingleses, e elegância idem, dá aulas na Faculdade de Arquitetura. É o que apresenta o mais caustico quadro comparativo entre a UnB dos "anos de sonho e poeira" e a UnB dos "anos de desesperança e corporativismo".

Luís Humberto, arquiteto e fotógrafo, é hoje, além de professor do Departamento de Comunicação, titular do Decanato de Extensão. Olha o passado com *olhos críticos* mas jura, convicto, que faria tudo de novo. Principalmente no polêmico episódio da demissão coletiva (dos 200) em outubro de 1965.

"Há quem nos critique por ter deixado a Universidade vazia de professores. Para estes, entregamos a instituição ao Regime Autoritário. Não penso assim. Havia ordens superiores — do Governo Castelo Branco — no sentido de que se executasse mortalmente aquela ideia de universidade criadora". Mesmo que tivéssemos ficado, pondera, "seríamos obrigados a nos enquadrar, pois começava ali o período de escuridão demente que chegou ao seu clímax em 1968/1969".

Glênio — Em 1961, Glênio Blanchetti dirigia o Museu de Arte de Porto Alegre. Ao receber o convite para integrar o ICA, a mais ousada experiência em educação artística do País, ele não pestanejou. "Cheguei à UnB com a missão de montar a parte gráfica do ICA", relembra. "Havia, na instituição, projeto de cinco ateliês: o de

Metal, Xilografia, Litografia, Serigrafia e o Gráfico. Com Leo Dexheimer e Claus Bergner, montamos a gráfica da Universidade e, nos primeiros anos, editamos dois livros: *Poemas Coronários*, de Cyro dos Anjos, com gravuras de Holbeiner, e *Carmina Burana*, com os versos em latim acompanhados de texto crítico de Jair Gramacho e gravuras de Marília Rodrigues".

"Naquele tempo", recorda, "trabalhávamos *full-time*. Não víamos o tempo passar. Acreditávamos estar construindo a melhor universidade do País". Hoje, o calado Glênio Blanchetti está afastado da UnB e mergulhado no trabalho em sua casa-estúdio. Mas, de forma sintética, constata: "Falta à Universidade, hoje, o *elan* que nos alimentava, que nos dava força para trabalhar até 18 horas por dia. Não sou pessimista, nem amargo, sei que a UnB sairá desta, junto com o País. Afinal, não se constrói uma Nação com tanta descrença, pessimismo e desilusão".

Elvin Mackay — A vinda de Elvin Mackay Dubugras para a UnB tem um patrono: Alcides da Rocha Miranda, hoje com 82 anos. "Eu trabalhava com ele, no Rio, desde 1953. Quando idealizou o ICA, a convite de Darcy Ribeiro, me convidou a deixar o Rio e vir para cá com ele. Vim, animadíssimo. O vestibular não era comprometido com uma profissão. O estudante tinha o curso básico inteiro para descobrir a Universidade e escolher o curso que mais o agradasse. Enquanto isto, se qualificava, tomando contato com a História da Arte, Filosofia, Antropologia e outras áreas do conhecimento. Não é como hoje, que o estudante, jovem e inexperiente, faz vestibular para Arquitetura, sem sa-

ber bem o que é. A tônica, que antes era Humanista, hoje é profissionalizante. Resultado desta nova postura: "Um País em aguda crise econômica vê formarem-se levas e mais levas de arquitetos. Para trabalhar onde?"

O professor-arquiteto lembra que, em 1971, quando deixou a presidência do IAB-DF, havia na cidade "um arquiteto para cada dez existentes hoje". Só, pondera, "que o mercado não cresceu. Na realidade o mercado se empobreceu. Na exposição do ano passado, no IAB, das 52 obras construídas e expostas, 32 eram residências unifamiliares, ou seja, *casinhas no Lago*".

É com ironia e amargura machadianas que Dubugras vê a UnB, hoje. "Se ela se democratizou? Não, não creio. O que vemos hoje não é democracia, é *democratite*. Um departamento se reúne colocando professores, estudantes e funcionários em pé de igualdade. Isto é um absurdo! Não há instituição no mundo que não preserve algum tipo de hierarquia. O papel do aluno na universidade não pode ser o mesmo do professor. Ele está aqui para aprender. Já os funcionários têm outros objetivos: querem melhores salários e investem na carreira, de forma corporativa.

Luís Humberto — O jovem arquiteto e fotógrafo Luís Humberto trabalhava no MEC, na Divisão de Obras. Quando foi convidado para trabalhar na UnB que nascia, ficou entusiasmado. No ICA, montou o Ateliê de Fotodocumentação que, mais tarde, contou com a colaboração do germano-brasileiro Heins Forthman. Para lembrar dos frutos de sua época, faz questão de enaltecer os méritos de seu "primeiro e mais brilhante aluno": Jorge Bodansky, autor de *Iracema, uma Transa Amazônica*.

A UnB dos anos primeiros é, para Humberto, uma lembrança marcada por muita paixão e entusiasmo. Hoje, mesmo integrando o primeiro escalão da gestão Antonio Ibañez, ele sabe que "os tempos são duros". O

pessimismo, pondera, "é um dado concreto. Um dado que se agrava com a falta de recursos financeiros, com os baixos salários e com a falta de compreensão, por parte de muitos, de que a melhor atitude para enfrentar um momento de crise é trabalhar". Como "uma universidade pública custa caro" e, hoje, "está marcada por sucessivas crises reivindicatórias", o corporativismo "ganhou relevo como única forma associativa disponível". Esta realidade, acredita, "se insere num projeto de entrega do País a interesses que não são os nossos". Daí que, "apesar dos pesares, em crise ou não, a universidade continua sendo um lugar onde se goza de liberdade".

Marília — Em 1961, quando a UnB nasceu, Marília Rodrigues era uma jovem gravadora de 24 anos. Em 1962, ao ser convidada para atuar no ICA, só fez uma exigência: "Embarco junto com a minha prensa". Como é, pergunta, "que ia montar um Ateliê de Gravura sem uma prensa?"

O ambiente que encontrou em Brasília foi de sonho. "O País sonhava com transformações profundas e a UnB se propunha a ser uma universidade capaz de irradiar seu poder criador, País afora". Para alimentar o sonho, brinca, "tinhamos que trabalhar de manhã, tarde e noite. E nos domingos". Ri ao lembrar-se da sopa de "ingredientes" que era servida aos domingos "a nós, os descamisados da época".

Hoje, de volta à UnB, ela se vê obrigada a admitir que "há muito pessimismo e descrença no ar". E propõe que "cada um se posicione nesta trincheira", pois "este posicionamento é vital". Não podemos, diz ela, "nos deixar abater por este pesadelo que tomou conta do Brasil. Temos que retomar o amor pelo trabalho neste País que virou um cassino. Aqui não se aprende a trabalhar, mas sim a jogar na Loto, na Loteca, na Estadual, na Federal, na Raspadinha, etc".

